

METAMORFOSES DE UM CONCEITO: O GÊNERO DE VIDA E OS PRIMEIROS ÍMPETOS DA FORMAÇÃO DAS REDES DE PRODUÇÃO GLOBAL

Metamorphoses of a concept: the gender of life and the first impects in the formation of global production networks

Wellington Ribeiro da Silva

Universidade Estadual de Goiás - UEG
wellantifa20@gmail.com

Resumo: O presente artigo buscou referendar os estudos de autores que se notabilizaram pela condição de discípulos de La Blache como Pierre George, Pierre Monbeig e Max Sorre. Elegemos a categoria gênero de vida enquanto parâmetro para o entendimento dos processos de adaptação, assimilação ou resistência frente aos apelos do mercado e à normatização dos padrões de vida, costumes e formas de consumo da contemporaneidade. Tal propositura permitiu-nos falar em aproximações, em distanciamentos; em antecipações sugestivas de contiguidade teórica e metodológica, em idiosincrasias fincadas em crenças, valores e representações típicas de uma época; em apontamentos de passos sólidos rumo à atual Rede de Produção Global (RPG) e apego excessivo às singularidades dos modos de existência locais. Aferir possíveis impulsos da dinâmica inerente aos ritmos próprios dos gêneros de vida no curso da constituição das primeiras redes de produção global trouxe-nos risco e ônus. O risco foi o de levar a cabo um esforço que poderia apresentar uma proposta de estudo que mais se assemelharia a uma aposta, uma vez que a literatura já demarcava a década de 1980 como prelúdio dessas redes do que propriamente uma consideração consistente. Quanto ao ônus, cremos ter ficado explícito a relevância dada ao gênero de vida em detrimento às redes de produção global. O aparecer meramente tangencial das redes de produção global foi proposital, pois esperamos voltar a essa temática e perfazer o caminho oposto, isto é, dar centralidade à categoria RPG e recuperar o gênero de vida, desta vez na condição subsidiária.

Palavras-chave: Gênero de vida; Geografia lablacheana; cultura; Redes de produção global.

Abstract: The present article sought to endorse the studies of authors who were notable for their status as disciples of La Blache, such as Pierre George, Pierre Monbeig and Max Sorre. We chose the gender of life category as a parameter for understanding the processes of adaptation, assimilation or resistance in the face of market appeals and the standardization of contemporary living standards, customs and forms of consumption. Such proposal allowed us to talk about approximations, about distances; in suggestive anticipations of theoretical and methodological contiguity, in idiosyncrasies rooted in beliefs, values and typical representations of an era; in notes of solid steps towards the current Global Production Network (RPG) and excessive attachment to the singularities of local modes of existence. Assessing possible impulses of the dynamics inherent to the rhythms of the genres of life in the course of the constitution of the first global production networks brought us risk and burden. The risk was to carry out an effort that could present a study proposal that would be more like a bet, since the literature already marked the 1980s as a prelude to these networks rather than a consistent consideration. As for the burden, we believe that the relevance given to the way of life to the detriment of global production networks has been made explicit. The merely tangential appearance of the global production networks was intentional, as we hope to return to this theme and take the opposite path, that is, give centrality to the RPG category and recover the genre of life, this time in a subsidiary condition.

Keywords: Gender of life; Lablachean geography; culture; Global production networks

INTRODUÇÃO

O entendimento dos processos que desencadearam a formação do que chamamos usualmente globalização, envolvendo as clássicas dimensões econômica, social, cultural e política, não pode prescindir de uma consulta a autores e suas respectivas abordagens que se debruçaram seja para analisar as tendências que apontavam o percurso de uma uniformização planetária, seja para ensejar, em perspectiva, situações e virtualidades que minimamente assentavam suas marcas fundantes na época que foram concebidas.

A geografia é uma ciência que, por sua própria natureza interdisciplinar e holística, tem deveras contribuído para com os estudos dos primeiros passos do processo que levou ao incessante cenário das chamadas redes de produção global¹. Entretanto, numa leitura apressada e premida por contingências que ainda reproduzem uma leitura tortuosa e enviesada da chamada “geografia tradicional”, o legado da geografia, ou melhor, da geografia que se fazia antes do fim da Segunda Guerra Mundial, sobretudo na França, é expressamente reduzida a pequenas e isoladas incursões, a contribuições meramente ensaísticas pouco voltadas para análises dos problemas reais em curso e, ainda, tida como inapropriada para se pensar o novo contexto e, dessa forma, merecendo ser sumariamente defenestrado.

Muito embora seja necessário considerar que esse estado de coisas era muito mais acentuado no decurso dos anos de 1980 e 1990, até o presente, mesmo com diversas releituras que imprimiram reatualizações e inflexões das obras dos clássicos da geografia francesa, de corte essencialmente lablacheano, persistem os sinais dessa geografia avessa à globalização, à massificação dos processos de produção e consumo, enfim, à ubiquidade que tanto caracteriza os processos de (des)territorialização da contemporaneidade.

Essa preocupação moveu o escopo desse ensaio, uma vez que acreditamos que não apenas alguns autores, mas a própria geografia que então se fazia, não passaram ao largo das influências, perquirições e “reajustes dos ponteiros” determinados pelo aumento das trocas

¹ De acordo com Raasch (2020), a proposta conceitual de Rede de Produção Global não é substitutiva aos conceitos de Cadeia de Valor, Cadeia Global de Commodity e Teoria Ator-Rede. Contudo, os autores que criaram o conceito argumentam que a proposta emergiu dada a limitação conceitual existente e a necessidade de se fazer uma abordagem multidimensional mais profunda, que entendemos sendo necessário em tempos de flexibilização do capital (HARVEY, 1989) e modernidade líquida (BAUMAN, 2001). (RAASCH, 2020, p. 37) O trecho é citação direta. Se for, use aspas e coloque a página na primeira linha. Como demonstraremos em outras passagens no presente estudo, nossa pretensão não foi a de meramente cotejar o conceito de gênero de vida e o conceito de Rede de Produção Global (RPG), tal empreitada não seria possível sem que se prescindisse de qualquer tentativa de tratar um ou outro conceito de forma parcial ou esquemática e, como veremos, não foi esse o resultado obtido no transcurso do texto.

internacionais, pelas revoluções tecno-científicas e estético-culturais que imprimiram novo estágio ao fluxo planetário de mercadorias, pessoas, ideias e comportamentos. Como esperamos poder evidenciar, autores que se notabilizaram pela condição de discípulos de Paul Vidal de La Blache como Pierre George, Pierre Monbeig e, sobretudo, Max Sorre, não se furtaram ao tratamento dos processos candentes nos quais estavam imersos, tampouco fizeram retumbar a máxima de que a geografia francesa, lastreada pelo fulcro das monografias regionais, seria infensa ao urbano, ao ritmo dos processos metropolitanos e cosmopolitas e, por isso, haveria de se contentar ou se refugiar nas descrições dos gêneros de vida estritamente afeitas à vida rural.

Esses geógrafos e muitos outros, herdeiros ou não dos ensinamentos lablacheanos, se debruçaram sobre questões que alcançavam a *episteme* dos estudos que doravante vão tratar dos processos e fenômenos globalitários. Nesse sentido, o presente artigo intenta revisitar algumas concepções e autores que trataram de temáticas tais como circulação, mobilidade demográfica, desenvolvimento econômico, interdependência dos lugares, com o intuito de mostrar que a marcha da constituição das cadeias de produção e consumo de mercadorias, espaços e ideias e do curso de integração das redes de comunicação e transporte não resultaram de revoluções tão drásticas a ponto de significarem uma descontinuidade espaço-temporal em relação ao mundo que existia até o fim da primeira metade do século XX.

Elegemos a categoria gênero de vida enquanto parâmetro para se dimensionar o tratamento conferido pelos autores acerca dos entrecruzamentos dos gêneros de vida, em francos processos de adaptação, assimilação ou resistência frente aos apelos do mercado e à normatização dos padrões de vida, dos costumes e das formas de consumo. Evidentemente que não deixaremos de localizá-la no seu tempo sob pena de simplesmente convertê-la à lógica urbano-industrial ou, por outro lado, querer enxergar sobrevivências ou purismos em gêneros de vida totalmente refratários aos influxos da economia global. De qualquer forma, a escolha de Max Sorre, sobretudo em seus artigos sobre gênero de vida e circulação, pode, a nosso ver, lançar luz a uma nova forma de interpretação dos aportes da geografia clássica para com os processos que impeliram verdadeiro empuxo para aquilo que vulgarmente chamamos globalização.

Assim sendo, o presente estudo se estruturou em três seções cujos destaques devem-se meramente as lides que obedecem à estruturação de trabalhos científicos, ou seja, a leitura integral do texto é crucial ao entendimento do fundamento maior do artigo. Em primeiro lugar, buscamos analisar as contribuições de Max Sorre acerca da noção de gênero de vida, enfatizando seus dois artigos produzidos em fins da década de 1940, especialmente o segundo,

pois nele Sorre se propõe a averiguar adaptações, incorporações, transformações e extinções referentes aos gêneros de vida em meio à afluência constante dos vetores da economia internacionalizada. Num segundo momento, buscamos cotejar os traços gerais da mobilidade populacional e da circulação (mercadorias, pessoas, ideias etc.) ora tratados por Sorre, La Blache, Monbeig e outros geógrafos franceses, com apreciações adstritas a estudiosos da globalização, mormente à aceleração dos mecanismos reticulares de troca, consumo de mercadorias. Por fim, a título de considerações finais, aludimos ao resultado da interface analisada, tal propositura permitiu-nos falar ora em aproximações, ora em distanciamentos; ora em antecipações sugestivas de contiguidade teórica e metodológica, ora em idiossincrasias fincadas em crenças, valores e representações típicas de uma época; ora apontamentos de passos sólidos rumo à atual Rede de Produção Global e, indubitavelmente, ora apego excessivo às singularidades dos modos de existência locais.

REVISÃO DE LITERATURA

Max Sorre, adaptação ou morte do gênero de vida?

Em dois artigos publicados no *Annales de Géographie*, no ano de 1948, Max Sorre (1880-1962) retoma a discussão sobre a noção de gênero de vida, reforçando, com isso, sua inegável afeição ao legado lablacheano na geografia francesa, porém, e reiterando a condição típica de um pensador que se caracterizou não por ter uma copiosa produção, mas por promover análises genuínas, o geógrafo de Rennes não poupou esforços em atualizar a referida noção, analisando-a sob as ações dos impulsos diretos e indeléveis das estruturas socioeconômicas que já davam passos largos rumo ao que, em breve, seria chamado de sociedade de massas².

Antes de passarmos à análise do teor dos artigos e, sobretudo, sobre o tratamento conferido por Sorre ao que chamamos de novas acomodações da noção de gênero de vida, é cabível uma breve digressão sobre os fundamentos da geografia lablacheana no que tange estritamente à noção em tela, para que possamos descortinar os marcos estabelecidos pelo autor para tratar de uma noção que, para muitos, só fazia sentido se se referida às formações socioespaciais rurais.

² O termo “sociedade de massa” é coevo de outros termos como “cultura de massa” e “indústria cultural”. As afinidades de tais termos remetem ao processo de massificação ou estandarização da produção e do consumo que, a partir de estudos como os de Hannah Arendt e de teóricos da Escola de Frankfurt, ganharam o estofamento histórico, estético, moral e político-ideológico de uma verdadeira inflexão no âmago do mundo capitalista contemporâneo. A esse respeito, ver: Arendt (1992) e Adorno e Horkheimer (1985).

O gênero de vida foi a categoria escolhida por Paul Vidal de La Blache (1845-1918) para analisar as relações dos agrupamentos humanos com o meio. As facilidades ou restrições que o meio natural oferecia eram respondidas por modalidades distintas dos usos sociais dos materiais encontrados, conformando, então, um mosaico de tipos regionais cuja adaptação apresentava-se estável e propensa à transmissão parental para as cepas descendentes. Importa, pois, salientar de antemão que, já no artigo publicado em 1911³, La Blache não faz concessão ao que poderia levar a um certo imobilismo do gênero de vida. Mesmo considerando a importância da longa duração e ao maior ou menor grau de restrições dos meios naturais na constituição do ecúmeno, o autor já aprecia a categoria como estando no mundo, ou seja, como fazendo parte da órbita das demais esferas que regem as relações dos lugares, das regiões como a nação e, por extensão, com a dinâmica total da economia mundial da época. Senão vejamos:

Sabe-se que a fisionomia de uma área é suscetível de mudar bastante segundo o gênero de vida que nela praticam seus habitantes. Essas mudanças nos surpreendem muito pouco na Europa, pois as condições de existência aí são, por assim dizer, estereotipadas, fixadas há muitos séculos. Entretanto, elas não escapam à observação atenta; podemos constatar, por exemplo, que o desenvolvimento crescente da vida urbana já começou a exercer modificações que não são insensíveis sobre os cultivos, os agrupamentos humanos e a fisionomia das regiões [*contrées*]. (HAESBAERT et al., 2012, p. 131).

Ao contrário das abordagens que se locupletam no desvelamento de uma suposta índole naturalista que atravessaria todo o multifacetado patrimônio lablacheano, reforçando, com isso, o hermetismo do gênero de vida quando premido pelas mudanças “naturalmente” situadas nos grandes centros urbanos, uma leitura mais atenta desse artigo já nos autoriza situar tal autor no seio das diversas transformações, inovações e invenções técnicas que sacudiram o mundo em fins do Oitocentos e início do século XX, além do que, é claro, daquilo que então se chamava de mentalidade⁴ (herança e crítica do positivismo, postulados neokantianos, teleologia do progresso, universalismo do horizonte civilizatório europeu sobre o mundo etc.). A passagem seguinte, além de delimitar com grande acurácia o entendimento do autor acerca do gênero de vida, também reverbera os pontos que acima mencionamos.

³ “Sur la relativité des divisions régionales” (LA BLACHE, 1911, p. 148).

⁴ A noção de mentalidade, que é pouco conhecida pelos geógrafos contemporâneos, certamente não o era para aqueles que transitavam junto aos ciclos e agremiações acadêmicas onde tal conceito era bastante percorrido. A mentalidade foi assumida mais efetivamente pelos historiadores e pelos antropólogos e implicou, em linhas gerais, na adoção de fundamentos do estruturalismo para se pensar as formas de imaginar, sentir etc. que conformavam horizontes estáveis, estruturas de longa duração nas camadas do inconsciente coletivo dos povos. Alguns geógrafos lablacheanos recorreram aos estudos da mentalidade para pensar o objeto da geografia, dentre eles aludimos a Pierre Monbeig para quem a mentalidade paulistana teria contribuído imensamente para a constituição e o avanço das fronteiras no sudeste brasileiro.

Um gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. Sem dúvida, a ação do homem se faz sentir sobre seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento; pode-se dizer que, desde os primórdios das civilizações, essa ação não foi negligenciável. Mas totalmente diferente é o efeito de hábitos organizados e sistemáticos que esculpem cada vez mais profundamente seus sulcos, impondo-se pela força adquirida por gerações sucessivas, imprimindo suas marcas nos espíritos, direcionando em um sentido determinado todas as forças do progresso. (HAESBAERT, 2012, p.132).

Erguido entre as pressões das necessidades e as possibilidades mais ou menos afeiçoadas ao meio e ao sentido das escolhas sociais dos grupos então organizados, o gênero de vida em La Blache é estável, porém mutável, e esse traço sobreviverá na concepção sorreana. La Blache reitera mais uma vez que “em função das circunstâncias mutáveis, modificadoras do equilíbrio dos seres, que o homem encontra meios para instalar novos gêneros de vida” (HAESBAERT, 2012, p. 139).

Não perdendo de vista que gêneros de vida, como a caça em busca de peles e as pescarias de grande monta, “tendem a se confinar e a se restringir”, atividades mais organizadas e evoluídas como a “agricultura e a pecuária, ao contrário, não pararam de estender seus domínios, de dar lugar a variedades e a subgêneros cujas diversas modificações penetram até as partes mais inóspitas dos continentes” (HAESBAERT, 2012, p. 160).

Em última análise, e ainda seguindo os rastros que de La Blache levarão a Sorre e demais geógrafos lablacheanos, é interessante assinalar a importância dada por ele aos gêneros de vida que estimulam as trocas, ou seja, não existe contradição entre um gênero de vida assaz elaborado na longa duração que preza pela fixação de hábitos, costumes e valores próximos daquilo que Gomes chamou de *genoespaço*⁵ e a ocorrência de intercâmbios com outros gêneros de vida totalmente distintos e distantes

[...] dois gêneros de vida coexistem; eles se penetram através das trocas. Todavia, qualquer que seja sua solidariedade, a aproximação entre eles é apenas material. Seja quando o predomínio pertence ao agricultor (como no Egito), seja quando pertence ao pastor (como em geral na Ásia e na África), os dois tipos não se misturam. São duas correntes que permanecem distintas no leito do mesmo rio. (HAESBAERT, 2012, p. 179).

Aprofundando a perspectiva lablacheana, os dois artigos de Sorre, já anteriormente mencionados, incorporam problemáticas que historicamente ainda não estavam postas na

⁵ O *genoespaço* responde pelo predomínio de traços culturais e certos patrimônios étnico-culturais que confluem para a formação das identidades de certos grupos. A tradição, a honra, a hierarquia de valores e normas socialmente aceitas são comumente fundadas nos costumes transmitidos de geração para geração. A esse respeito, ver Gomes (2002).

primeira quadra do século XX. Ora, além das duas guerras mundiais, da bancarrota do modelo liberal capitalista com o “*crack*” de 1929, do início do processo de descolonização dos impérios europeus, Sorre ainda assistiu atônito⁶ ao primeiro grande impulso da marcha de transnacionalização da economia, bem como a aceleração do processo de urbanização e massificação da produção e do consumo.

Algumas passagens do primeiro artigo já apontam não apenas a certa continuidade dos preceitos do grande mestre, mas incluem novos vetores aos estudos dos gêneros de vida, Sorre assume que “o gênero de vida nasce, transforma-se, expande-se - e quando chegou a este grau de maturidade é que nós o caracterizamos” (SORRE, 1948a, p. 34) ou ainda, que “a introdução de um elemento numa região basta para perturbar um velho gênero de vida e dar-lhe um novo dinamismo” (SORRE, 1948a, p. 37).

Imprimindo mais dinamismo ao papel da circulação na reconfiguração dos gêneros de vida tradicionais, Sorre sustenta que “sua ação não é apenas de transformação, ela aparece como uma condição mesma da existência dos gêneros de vida tradicionais e, de certo modo, como um agente de estabilização (SORRE, 1948b, p. 195).

Mesmo não desprezando a força desintegradora da aceleração da produção e do consumo, já sequiosa de alcançar o nível planetário no que tange aos gêneros de vida, suprimindo aqueles supostamente menos evoluídos, Sorre não advoga o fim ou a morte do gênero de vida, até porque admite situações menos ortodoxas como a ocorrência de gêneros de vida mistos, em que se percebe a convivência da exploração do solo com toda sistemática derivada da produção fabril (SORRE, 1948b, p. 195).

A compreensão dos postulados sorreanos se balizada apenas pela diferenciação simples dos gêneros de vida tipicamente rurais daqueles tipicamente urbanos, fica, a nosso ver, truncada e refém de uma dicotomia que o próprio autor sempre se esquivou. Assim, a noção de complexo geográfico, ainda em germe nas reflexões lablacheanas, é central à geografia esposada por Sorre, a qual confere importância central a tríade meio natural-meio ecológico-meio social. A percepção de conexões complexas entre elementos e fatores que compõem os complexos geográficos – no caso em estudo, vale destacar a ênfase uniformizadora da produção, do consumo e dos modos de vida capitaneados pelos complexos urbanos em geral sobre os gêneros

⁶ De acordo com Anne Buttimer (1986, p. 70-71), “como Vidal de la Blache, Sorre era um ruralista de coração e, apesar de ter saudado a urbanização como uma tremenda proeza social, deplorava consistentemente a influência debilitadora do *smog*, da poluição, da desarmonia racial e da ruptura de sua diletta ‘ecologia do habitat’”.

de vida – permite falar muito mais de uma interação contraditória do que de uma evolução formal entre espaços e gêneros de vida, aparentemente refratários uns dos outros.

Algumas passagens do artigo em análise reforçam essa situação de adaptação/conversão dos gêneros de vida tradicionais à lógica dos processos econômicos e do cosmopolitismo inerente aos fenômenos urbanos. Por vezes, Sorre admite que não se pode falar em independência absoluta dos gêneros de vida (SORRE, 1948b, p. 200). Além disso, mesmo sendo formas evoluídas resultantes de valores sociais, visões e formas de apreensão e tratamento natureza, crenças, técnicas, enfim, de todo esse repertório material e espiritual que responde pela “cimentação” de uma condição de notável estabilidade, as mudanças e as especializações tecno-produtivas em curso determinam alterações comandadas pelas monoculturas e pelas evidências de que mesmo aqueles grupos que se compraziam em deter nos seus domínios a produção de gêneros alimentícios que garantiam a autossustentabilidade, familiar, passaram a depender da aquisição dos mesmos num mercado (SORRE, 1948b, p. 200-201). No final do parágrafo, Sorre alude a uma situação paradoxal na qual a intensificação/infiltração das trocas e dos vetores extraterritoriais nas dinâmicas internas dos gêneros de vida locais, o que poderia gerar total dissolução dos traços internos, implica, na verdade, a condição de sobrevivência dos mesmos.

Dando a tônica da sua enquete crítica do tratamento a ser conferido ao gênero de vida, Sorre, apesar de não esconder uma postura blasé em relação às tintas que os apologetas dos progressos infintos da marcha do progresso lançavam sobre a Europa pós-Segunda Guerra Mundial, não se enclausurou no escapismo da simples rejeição da ubiquidade do *modus vivendi* capitalista ora em curso, mas a matizou com a sobriedade da herança lablacheana, centrada na paisagem e na ênfase em uma ecologia não determinista, desdobrada, com mais refinamento conceitual e metodológico, no conceito de complexo geográfico.

O gênero de vida sob o olhar da geografia contemporânea

O conceito de gênero de vida não é um conceito de validade inquestionável na produção do pensamento geográfico contemporâneo. Pelo contrário, além daqueles que advogaram a sua limitação epistêmica para lidar com um mundo em franca transformação, argumento que reforça a tese do anacronismo e engrossa o coro dos êmulos de La Blache, sobretudo sobre o caráter ideológico e conservador de sua geografia, ainda têm aqueles que preferem uma nova

nomenclatura, o “modo de vida”, supostamente menos “carregada” dos valores e concepções de uma geografia que não serviria mais para explicar os problemas do mundo atual.

É nesse mesmo diapasão que Milton Santos admite que “Na aurora dos tempos, os grupos humanos retiravam do espaço que os circundava, isto é, do pedaço da natureza que lhes cabia, os recursos essenciais à sua sobrevivência”. Todavia, com o engendramento da divisão do trabalho “uma parte cada vez maior das necessidades de cada grupo, de cada comunidade, tem de ser procurada na área geográfica de uma outra coletividade” (SANTOS, 1988, p. 209).

Para esse autor, a geografia sorreana encerraria ainda a insistência em ferramentas teóricas inoperantes, válidas para a explicação do mundo onde a ubiquidade ainda era apenas projeto e a noção de rede mal exorbitava os estudos da matemática e da economia urbana. E polemizando contra as noções de ecúmeno e de *habitat* que sempre comparecem nas análises de Sorre, admite que:

Hoje o espaço das sociedades não é a soma dos espaços correspondentes a cada sociedade particular existente, tampouco esse espaço social é exclusivamente o *habitat* dos homens, graças à nova natureza das relações intra-sociais e entre sociedades. A noção e espaço tornou-se diferente, e talvez distante, da noção de ecúmeno. O espaço social é muito mais que o conjunto dos *habitats*, graças ao novo tipo de relações cujo âmbito ultrapassou o das comunidades isoladas, e mesmo dos países, para tornar-se mundial. (SANTOS, 1988, p. 210).

A essa altura, faz-se necessário pontuar que não só Santos, mas a maioria dos críticos da geografia tradicional – tanto aqueles que o antecederam, em especial, dentre os epígonos da chamada Geografia Ativa na França dos anos de 1950 e 1960, como boa parte de seus sucessores – partem da premissa segundo a qual os grilhões que prendem tal conceito a um contexto, a princípio superado, derivam da ênfase da região, isto é, do fundamento idiográfico que, tal qual um espírito de um tempo ou uma natureza indelével de um grupo, atravessaria toda a escola lablacheana indistintamente.

Assim sendo, muito antes de Santos propor a crítica aos conceitos e às categorias que funcionavam como verdadeiro obstáculo ao estudo do mundo hodierno, encontramos postura semelhante em um dos grandes nomes da geografia francesa

Espaço limitado, a região participa de um espaço mais amplo; nesse sentido, ela é dominada – e essa dependência desempenha em sua evolução um papel muitas vezes preponderante – porque ela é ao mesmo tempo aberta e integrada. O poder, financeiro e político, isto é, a capacidade superior de decisão, escapa sempre à região; ele é deslocalizado. (KAISER, 1973, p. 281-282).

Também é possível notar a persistência de certos móveis que ainda fazem parte do repertório da geografia quando a mesma se debruça sobre o conceito de gênero de vida, tanto

que, na acepção de uma estudiosa do legado lablacheano, o gênero de vida é um conceito de viés “biocultural” em que características elementares, no domínio da produção e da cultura, como técnicas, hábitos, *habitat*, vestimentas, cristalizam-se como aspectos seletivos dos agrupamentos humanos e estão ligados à própria evolução do sistema Terra. Tais são os gêneros de vida básicos: caçadores, coletores, pescadores, pastores, nômades, agricultores (LIRA, 2017, p. 795).

No texto ora aludido, a autora ocupa-se em mostrar que a geografia de Pierre Monbeig, ao se debruçar sobre os traços da formação territorial do Brasil e, mais detidamente, sobre a *core region* da monocultura cafeeira no Estado de São Paulo, mesmo aderindo a leituras que esboçavam a constituição de mercados e redes de produção planetária e, com isso, envolvendo economias centrais, bem como toda a órbita do sistema capitalista, não abriu mão da categoria gênero de vida para pensar o caso brasileiro. Ainda de acordo com a autora supracitada, Monbeig viu “um Brasil profundo nos termos seguintes: ‘de gênero de vida nômade, sendo tropical, longínquo, exuberante, vazio, vasto e fronteiro’, em comparação com os espaços conceitualizados na França e na Espanha” (LIRA, 2019, p. 653).

Mas é o próprio Pierre Monbeig, em seu *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*, publicado em 1957, coletânea de artigos e resenhas críticas publicados em revistas francesas e jornais brasileiros, quem melhor evidencia os aspectos mais notáveis das mudanças sofridas pelos gêneros de vida, além de opinar sobre a fortuna crítica do termo. No capítulo intitulado “Evolução de Gêneros de Vida Rural Tradicionais no Sudoeste do Brasil”, texto anteriormente publicado nos *Annales de Géographie*, em 1949, Monbeig já assinalava que, no Brasil meridional, o avanço das relações capitalistas no campo e na cidade, dos universos rural e urbanos crispados pela atuação de vetores econômicos e culturais já sentenciara a tendência de que “ao mesmo tempo, tudo que era coletivo se enfraquece” e mesmo atenuando o alcance dos vetores externos, “a origem destas transformações, não é unicamente interna” (MONBEIG, 1957, p. 198-199). Entretanto, o autor constata que:

Os modos de pensar estão ligados aos hábitos técnicos, formam um todo que em dada ocasião, constitui obstáculo à mudanças. [...] Somos forçados a verificar que a possibilidade de aumentar os rendimentos não conduz necessariamente a um rejuvenescimento das atividades rotineiras e à formação de novas necessidades. (MONBEIG, 1957, p. 201).

O mesmo Monbeig volta a esse tema no capítulo “Capital e Geografia”. Mas, desta feita, parece dar mostras de maior conhecimento da dinâmica inerente ao funcionamento dos gêneros

de vida incorporados, subsumidos ou forjados pela tônica universalizante da produção e circulação de mercadorias. Senão vejamos

Não existem diferenças fundamentais entre a grande propriedade vitícola argelina e a fazenda de café; uma e outra podem ser consideradas como variantes da plantation. Os processos de financiamento criam pois as analogias que se superpõem às diferenças do meio geográfico. (MONBEIG, 1957, p. 221).

Finalmente, a despeito de estudos que negam autoridade a reflexões que se primam pelo reconhecimento de uma espécie de antessala dos processos globalitários contemporâneos, Monbeig apresenta, já naquele momento, um espectro sintético das injunções do grande capital com o saber, no caso, com a ciência geográfica. Aventa que “a competição entre os grupos econômicos e financeiros tem causas e consequências geográficas” (MONBEIG, 1957, p. 228). Em seguida, se mostrando um lablacheanos nada ortodoxo

Poder-se-ia ainda lembrar como a geografia dos preços está sujeita às influências dos trustes; um geógrafo não pode mais ignorar (basta sua experiência pessoal para ensinar-lhe isto) qual a parcela do fator preço nas transformações da produção e do consumo, na persistência ou na expansão dos modos de cultura, nas migrações humanas, afinal. Não se trata de problemas peculiares aos países subdesenvolvidos. Encontram-se situações análogas em toda a parte. (MONBEIG, 1957, p. 229).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de aferição de propósitos, essa seção bem que poderia se intitular “O ocaso do gênero de vida na geografia contemporânea: Mundialização e redes de produção global”. Entretanto, tal título exigiríamos um aprofundamento que foge do mote geral do estudo. Como esperamos já ter suscitado nas linhas pregressas, o escopo deste texto foi o de encontrar possíveis nexos entre os estudos geográficos sobre os gêneros de vida e a entronização e difusão deliberada das modalidades onipresentes daquilo que, doravante, seria nomeado de globalização.

Aferir possíveis impulsos da dinâmica inerente aos ritmos próprios dos gêneros de vida no curso da constituição das primeiras redes de produção global trouxe-nos um risco e um ônus. O risco foi o de levar a cabo um esforço que, caricaturalmente, poderia, ao fim e ao cabo, apresentar uma proposta de estudo que mais se assemelharia a uma aposta, uma vez que a literatura predominante já demarcava claramente a década de 1980 como o prelúdio das redes de produção global do que propriamente uma consideração consistente. Quanto ao ônus, cremos ter ficado explícito a maior relevância dada ao eixo gênero de vida em detrimento do eixo das

redes de produção global. O aparecer meramente tangencial das redes de produção global foi proposital, pois esperamos voltar a essa temática o mais breve possível e perfazer o caminho oposto, isto é, dar maior centralidade à categoria RPG e, em contrapartida, recuperar o gênero de vida, desta vez na condição subsidiária.

Sublinhamos aqui as perspectivas de Sorre, Monbeig e Lira, geógrafos de origens diversas, de filiações teóricas mais ou menos aderentes aos postulados lablacheanos e, também, localizados em quadras históricas distintas. Pois bem, se há algo em comum entre os mesmos, além do profundo respeito e conhecimento efetivo da obra de La Blache, é o zelo que eles nutrem para com a análise do conceito gênero de vida. Ambos autores supracitados enxergam as limitações históricas e, até mesmo, epistêmica do conceito. Ambos percebem a galopante ascendência que o sistema capitalista passa a exercer sobre os destinos dos gêneros de vida que sobreviveram à standardização dos lugares, da produção e do consumo. Todavia, ambos passaram ao largo das análises dicotômicas, reducionistas e afeitas a um processo de expurgo das contribuições lablacheanas que, de forma rasteira, foram reduzidas a lupanares ideológicos do capitalismo, do Estado e de todo reacionarismo possível.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **A dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

ARENDT, Hannah. **O que é autoridade?** Entre o passado e o futuro. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992.

BUTTNER, Anne. O espaço social numa perspectiva interdisciplinar. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. (Org.). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986. p.65-85.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Vidal e a multiplicidade de abordagens regionais. In: HAESBAERT, Rogério; NUNES PEREIRA, Sergio; RIBEIRO, Guilherme (orgs.). **Vidal, Vidais**. Textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

KAISER, B. A região como objeto de estudo da geografia. In: GEORGE, P. *et al.* (org.). **A geografia ativa**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. p. 279-321.

LIRA, L. A. A inserção do Brasil no sistema-Terra, na totalidade-mundo e na economia mundial, segundo a geografia regional: de Vidal de la Blache a Pierre Monbeig (1911-1957). **Geosp: Espaço e Tempo [Online]**, v. 21, n. 3, p. 793-811, dez. 2017.

_____. O Brasil, a geo-história e Pierre Monbeig. **Hist. Cienc. Saúde**, Manguinhos, v. 26 n. 2, Rio de Janeiro, 2019.

MEGALE, J. F. **Geografia e sociologia em Max Sorre**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1983.

MONBEIG, P. “Os problemas de divisão regional em São Paulo”. In: MONBEIG, P. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957b. pp. 125-153.

RAASCH, Werlen Gonçalves. **A rede de produção de soja certificada RTRS de Mato Grosso e Goiás**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SORRE, M. O espaço do geógrafo e do sociólogo. In: MEGALE, J. F. (org.). **Marx Sorre: Geografia**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. La notion de genre de vie et sa valeur actuelle (Premier article.)a. **Annales de Géographie**, t. 57, n. 306, p. 97-108, 1948.

_____. La notion de genre de vie et sa valeur actuelle. (Second article)b. **Annales de Géographie**, t. 57, n. 307, p. 193-204, 1948.

_____. Sur la relativité des divisions régionales. **Athena**, n. 11, 1911.

SOBRE O AUTOR

WELLINGTON RIBEIRO DA SILVA

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (1993) e mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2001). Atualmente é professor Assistente do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, Teoria da História e História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, região, geografia, desafio sócio-espacial e globalização.

Recebido em outubro de 2021.
Aceito para publicação em junho de 2022.
Publicado em agosto de 2022.